METODOLOGIA DO ENSINO DE HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Nícia de Andrade Verdini Clare (UERJ)
nverdini@uol.com.br

Minha intenção, ao realizar esse trabalho, foi preparar, para a graduação, ou, até mesmo, para a pós-graduação, um material de ensino e de estudo de fácil manuseio. Qualquer pessoa, mesmo leiga em assuntos relativos à diacronia, lerá com facilidade essas anotações e poderá transmiti-las. Aos professores que pretendam lecionar História da Língua, servirá de orientação para a montagem do curso.

Não pretendo trazer novidades dentro do campo da história da Língua Portuguesa. Desejo, apenas, ao partir de um material por mim confeccionado e usado exaustivamente durante minhas próprias aulas, tornar mais simples esse estudo tão rico e necessário.

Durante toda a execução do trabalho, procuro abrir horizontes à pesquisa, citando, de maneira bem objetiva, as obras que me nortearam.

O curso é dividido em três partes, a saber: as mudanças lingüísticas, a formação da Língua Portuguesa e estudos filológicos de textos arcaicos.

A estratégia inicial é a discussão ampla da citação de Charles Bally: "A língua muda sem cessar e não pode funcionar senão não mudando". Os alunos devem ser levados a observar o paradoxo da linguagem: o equilíbrio instável em que se mantém a língua em seu constante "fazimento".

Após considerações sobre esse dinamismo da linguagem, valendo-nos, ainda, dos ensinamentos de Coseriu, em *Sincronia, diacronia e história*, podemos abordar o primeiro subitem de nossa proposta**:** a língua como fato histórico. Chegou a hora, então, de se trabalhar com o quarto capítulo do livro *Introdução às línguas indígenas brasileira*s, de Mattoso Câmara Jr. Estudamos o conceito de evolução no século XIX, baseado na concepção de plenitude, de forma que chegássemos à conclusão do subjetivismo desse conceito. A plenitude estaria no flexionalismo intenso, próprio das línguas

clássicas, como queria Grimm, ou, ao contrário, na simplificação das flexões, como ocorre nas línguas modernas do ocidente europeu, segundo Jespersen? Essa análise nos levaria ao século XX, quando Sapir resolve o impasse com o conceito neutro de deriva.

Consideramos importantes essas reflexões antes de entrarmos propriamente na formação da língua portuguesa para que esse estudo seja feito sem preconceitos lingüísticos e apenas com a constatação de que a língua muda e essa mudança não implica juízos de valor.

A seguir, abordamos a importância da diacronia e do método histórico-comparativo no século XIX, em contraposição aos estudos descritivos do século XX. Chegamos a Saussure e, assim, às dicotomias *langue-parole* e sincronia-diacronia. Nesse momento, dedicamo-nos à leitura do sétimo capítulo de *Sincronia, diacronia e história,* quando Coseriu faz uma análise crítica dos conceitos de Saussure e conclui que essa dicotomia é meramente didática, uma vez que sincronia e diacronia se interpenetram, da mesma forma que *langue* e *parole.* Nesse momento, sempre ressaltando a importância de Saussure para a Lingüística, observamos algumas de suas contradições examinadas a olhos hodiernos. Por exemplo, segundo sua visão, a mudança ocorre na fala e é exterior ao sistema; Entretanto, afirma que os fatos sincrônicos são sistemáticos e os diacrônicos, assistemáticos (???).

Também para Saussure a mudança é considerada como acabada, ignorando o "mudar" como "mudança em marcha". É preciso que fique claro aos alunos que a mudança não representa a substituição imediata de um elemento por outro, mas, sim, o convívio lingüístico de duas formas ou dois elementos por um período considerável, até que uma das formas se imponha lingüisticamente.. Assim, a mudança representará não a modificação do sistema, mas sua permanente construção. Logo, não se pode partir do sistema para explicar a mudança, que, nesse caso, seria examinada como problema (o que não desejamos). É necessário partir do "fazimento" da língua, lembrando-nos de que o "constituir" é anterior ao "estar constituído".

Encerramos a unidade com a citação de Mattoso:

> É como se tivéssemos num curso de água uma corrente principal

> que leva as águas para a foz e, ao lado dessa corrente, uma série de corredeiras determinadas por depressões de terreno e pequenas angras, que vão estabelecendo certas flutuações. O indivíduo que segue pela corrente principal pode naufragar, pode sofrer um desastre, se cair numa direção secundária; mas essa direção secundária não corresponde a mudanças, e sem a flutuações do ponto de vista sincrônico (1979, p. 69).

Passamos à segunda unidade**:** a formação da língua portuguesa. Todos sabem que a língua portuguesa é originária do latim vulgar. Mas é necessário que se conceitue esse latim vulgar. Qual a razão desse termo ter sido, por longo tempo, contestado? Sugerimos começar a trabalhar com *História do latim vulgar,* de Serafim da Silva Neto. Resolvemos, pois, discutir os diversos conceitos de latim vulgar e suas falhas. Examinamos os conceitos de Grandgent, Kroll, Einar Lofsted, Bogel, para, enfim, concluirmos de acordo com Schuchardt**:** o latim vulgar não significa uma só linguagem, mas uma soma de camadas lingüísticas (variantes diastráticas) e dialetos (variantes diatópicas)

Assim, examinamos, segundo Wolfflin, a divisão do latim em latim corrente (*sermo usualis*) e latim regional *(sermo peregrinitas*).

A fixação dos estudos realizados até este momento é feita através de questionários passados em sala, respondidos em casa e corrigidos em aula posterior.

Vamos passar a estudar os caracteres distintivos entre latim clássico e latim vulgar na fonética, na morfologia e na sintaxe. Chegou a hora de utilizarmos o livro *Preparação à lingüística românica*, de Sílvio Elia. Começamos pela Fonética. Sentimos necessidade de um embasamento da matéria de Fonética e Fonologia, principalmente no que diz respeito aos critérios fonéticos (articulatório, auditivo e acústico), aos conceitos de oclusão e de constrição, à percepção de que as líquidas são fonemas complexos, à relações oclusiva-plosiva e constritiva fricativa, à noção de consoante homorgânica etc.

É imprescindível que os alunos dominem esses conceitos. Como, em geral, ocorre o esquecimento, há necessidade de revê-los. Diante da palavra sogra < socra (forma de 1ª declinação, que passa a vigorar pelo desaparecimento da forma socru(m), Ac de socrus,us, feminino da 4ª declinação), o aluno só poderá entender a sonoriza-

ção de /k/ na homorgânica /g/, mesmo não sendo o fonema intervocálico, se perceber que as líquidas apresentam traços de vocalismo, além dos de consonantismo.

Consideramos, também, fundamental a discussão das leis fonéticas estabelecidas no século XIX pelos neogramáticos e contestadas, posteriormente, pelo seu caráter cronotópico. As chamadas "leis" nem sempre ocorreram porque dependem de vários fatores, como a época da incorporação do termo ao latim, a posição geográfica em relação ao latim de Roma e tabus lingüísticos.

Noções de quantidade (inclusive o recurso estilístico da quantidade no português e a breve duração da pretônica no português de Portugal), de timbre e de intensidade devem ser revistas. Para que deduzam a redução das 10 vogais latinas a 7, em posição tônica, no português, precisam entender a relação quantidade-timbre que se estabeleceu no latim vulgar.

Casos de analogia na fonética, na morfologia e na sintaxe também são estudados, sempre lembrando que, de acordo com as teorias modernas, a analogia pertence ao domínio psicológico da inconsciência e é utilizada especialmente por crianças e adultos não escolarizados.

Durante as aulas, os alunos devem participar ativamente. Não recomendamos o trabalho com listas de metaplasmos a serem decorados**;** ao contrário, estimulamos nossos alunos a refletirem e concluírem por que razão cada fenômeno se processa. Assim, quando semper > sempre, não basta dizer que houve uma metátese, mas, sim, e principalmente, explicar que ela ocorre pela instabilidade da líquida e, simultaneamente, entender que a líquida é instável porque se situa entre consoante e vogal. É possível trazermos esse problema aos dias atuais, quando as formas *lagarto* e *largato*, com metátese da líquida, coexistem.

Outro exemplo poderia ser a passagem de oculu, com o primeiro /u/ breve, a oclu, com síncope desse /u/. Também não basta reconhecer, de forma decorada, a síncope, mas é importante que percebam que ela ocorre não apenas pela fragilidade da emissão da vogal breve, mas principalmente para evitar a pronúncia proparoxítona, sempre desagradável ao ouvido popular. Ainda hoje, diz-se Pe-

tropis por Petrópolis.

Nesse estudo, convém mencionarmos a reconstituição erudita, que ocorreu por ocasião do Renascimento e fez retornar algumas formas do latim clássico. Um exemplo seria o retorno ao /u/ de muliere na forma evolutiva molher.

Discutimos os tabus lingüísticos e o problema da manutenção do *di* em *diabo*, diferente do que ocorre em hodie > hoje e diurnale > jornal. Alguns autores preferem a explicação da diferente época da entrada do termo em latim, o que também é avaliado com a turma.

Passando à morfologia, estudamos a redução das declinações, visando ao reconhecimento dos três temas nominais em português, oriundos, respectivamente, das declinações primeira, segunda e terceira.

É, ainda, uma boa oportunidade para que entendam a multiplicidade dos plurais em ão, correspondentes aos acusativos em –anu, -ane e –one, como ocorre com irmão, pão e leão, dos acusativos germanu, pane e leone.

Aproveitando o estudo proposto, analisamos, também, a questão dos gêneros com o desaparecimento do neutro. Neste momento, é interessante mostrar que palavras oriundas da 3ª declinação se dividem entre os gêneros masculino e feminino, de acordo com a região. Assim, temos *o leite*, (masculino) em português, enquanto, em espanhol, diz-se *la leche* (feminino). O mesmo ocorre com *mar*, masculino em português, mas feminino em francês (la mer).

O próximo estudo se refere ao sistema verbal de 4 conjugações em latim, passando a três em português, via latim vulgar. Devemos unir conhecimentos de fonética e de morfologia, uma vez que o desaparecimento progressivo da quantidade, sem dúvida, terá influído na superposição das conjugações 2 e 3. Todavia, é preciso salientar que a confusão entre essas conjugações não levou à supressão de nenhuma das duas, tanto que, em algumas línguas românicas, há quatro conjugações. A oscilação ainda se fez sentir no português arcaico, quando houve uma tendência generalizada a transferir verbos da 2ª conjugação para a 3ª (traer > trair).

Com relação a tempos verbais, achamos conveniente levar os alunos à reflexão sobre a substituição do futuro sintético pelo analítico, uma vez que esse processo permanece até os dias atuais. Assim como amabo > amare habeo, a forma "amarei" vem sendo substituída por "vou amar", mais uma vez estabelecendo-se a relação síntese-análise. Por outro lado, quando observamos que amare haeo > amarai > amarei, graças à perda de consciência da existência do verbo auxiliar, levando, pois, à substituição da análise pela síntese num movimento contrário, podemos também imaginar que, num futuro não muito remoto, poderemos substituir "vou amar" por "voamá", com monotongação do ditongo *ou*, apócope do *r final* e aglutinação pela mesma perda de consciência da existência do auxiliar. Essa hipótese poderá ser melhor compreendida se observarmos que as crianças dizem "vou ir" porque, na sua lógica do sistema, não sentem a presença do auxiliar.

Outras questões morfológicas podem ser estudadas, dependendo da duração do curso. Assim, enveredamos pelo desaparecimento da passiva sintética, desaparecimento do neutro, formação dos tempos compostos, formação dos adjetivos etc.

Propomos, a seguir, a avaliação da sintaxe, insistindo nos seguintes pontos: substituição da flexão pela perífrase e, conseqüentemente, da síntese pela análise; uso freqüente de preposições no lugar dos casos que tendem a desaparecer e, finalmente, a ordem direta em substituição à indireta em decorrência da redução dos seis casos a um, o caso lexicogênico, representado pelo acusativo.

Encerramos este subitem sobre latim vulgar com as principais fontes de estudo do mesmo, salientando sempre a importância e a relatividade do método histórico-comparativo.

Sugerimos que se continue a avaliar a aprendizagem dos alunos através de questionários sucessivos. Ao mesmo tempo, durante as aulas, levamo-los à participação intensa, nunca apresentando respostas conclusivas, mas, antes, proporcionando que cheguem a deduções.

O próximo item trata do processo de romanização. É eminentemente histórico e induz os alunos a pesquisas. Vários livros podem ser utilizados, entre eles o de Paul Teyssier, *História da Língua*

Portuguesa. Estudamos desde as conquistas romanas com as guerras púnicas até a romanização e os substratos dela decorrentes. Os alunos devem analisar os fatores que dificultaram ou, ao contrário, facilitaram essa romanização. A atuação simultânea de forças centrípetas e centrífugas deve ser considerada. Nesse momento, o trabalho com mapas facilita a compreensão. Também os marcos históricos em séculos ajudam a situar o momento. É realizado o estudo das invasões bárbaras, a partir do século V, e da invasão árabe, no século VIII, e suas conseqüências lingüísticas. Abordamos a questão dos superstratos e adstratos. Estuda-se o romanço como uma série de falares conseqüentes da evolução do latim vulgar nas diferentes áreas conquistadas. Concentrando-nos, agora, na Península Ibérica, veremos a formação do galego-português, entendendo-o como resultante de uma das linhas de ação do movimento de Reconquista da Península, movimento esse que teria gerado mais duas línguas, como o catalão e o castelhano. A atuação simultânea de forças centrífugas e centrípetas trazem como resultado as formas divergentes, que também são estudadas.

O próximo passo é o contato com o mapa das línguas românicas e as principais divergências a esse respeito.

De uma forma mais sucinta, veremos a formação da Língua Portuguesa, entendendo-a como histórica a partir do século XIII, com a *Notícia do Torto* e *Testamento de D.Afonso II.*

Aconselhamos a que se dê importância à caracterização do galego e sua representatividade na formação da língua portuguesa. Estende-se o estudo à situação atual do galego.

Marcos históricos devem ser sempre levados ao conhecimento dos alunos para que situem os fatos no espaço temporal.

Também é importante que consideremos a divisão da língua portuguesa em seus períodos evolutivos, considerando-se a pré e a proto-história e a fase histórica propriamente dita.

Aconselhamos a mencionar o domínio atual da Língua Portuguesa e concentrarmo-nos num comentário ligeiro sobre o português do Brasil, que será estudado no próximo período.

Começa-se, então, o estudo filológico de um texto arcaico,

onde vinte palavras são selecionadas e estudadas criteriosa e exaustivamente, conduzindo, inclusive, ao estudo de pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos.

Enquanto, em sala, os alunos estudam um texto com o professor, é hora de dar início a um trabalho domiciliar feito em dupla. Previamente, com um mês de antecedência, recomenda-se dar às duplas toda a orientação para a realização da pesquisa, inclusive a necessidade de consulta a um dicionário etimológico, que pode ser o do Nascentes. Os alunos, por dupla, vão receber textos diferenciados, selecionados pelo professor (ou professora) e deverão fazer um trabalho sobre o mesmo. Esse trabalho (apresentado com capa e digitado de acordo com as normas) deverá ser entregue um mês após sua orientação e constará de duas partes**:** uma introdução histórica sobre a Romanização e a formação das línguas românicas, especialmente do português, e o estudo selecionado de dez palavras, à sua escolha, extraídas desse mesmo texto.

Antes, os alunos devem ser submetidos a duas avaliações escritas,, com o objetivo de incentivá-los ao estudo e, ao mesmo tempo, oferecer uma nova oportunidade de nota,

Aqui está, em linhas gerais, nosso trabalho, que passo, agora, aos colegas, aos alunos e a todos que por ele se interessarem, esperando que lhes possa ser útil. Acredito, principalmente, que servirá de orientação aos professores que, futuramente, venham a trabalhar com LP VI.

Com relação aos alunos, uma maior preocupação ocupa minha mente. Não basta ministrar-lhes o curso, mas, antes e, talvez, principalmente, desenvolver neles o gosto pela pesquisa e o amor ao estudo filológico do texto e, conseqüentemente, à história da língua portuguesa, fazendo-os compreender muitos fatos do português atual a partir desse estudo.

Acredito firmemente no trabalho que faço e na repercussão desse trabalho sobre nossos alunos de graduação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO FILHO Leodegário A. *et alii. Português no segundo grau.* São Paulo: Nacional, 1972.

———. *A situação atual da língua galega.* Conferência no Círculo Lingüístico do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 1985.

CÂMARA Jr., J.Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

———. *Introdução às línguas indígenas brasileiras.* Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

CLARE, Nícia de Andrade Verdini. *A linguagem da política*: inovações lingüísticas no português contemporâneo. Rio de Janeiro: do Autor, 2004.

COSERIU, Eugênio. *Sincronia, diacronia e história.* Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica.* 6ª ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

ELIA, Sílvio. *Preparação à lingüística românica.* Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974.

———. *Ensaios de filologia e lingüística.* 2ª ed. Rio de Janeiro: GRIFO/MEC, 1975.

———. *A língua portuguesa no mundo.* São Paulo: Ática, s/d.

———. *Língua e literatura.* 4ª ed. São Paulo: Nacional, 1974.

FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica.* São Paulo: Ática, 1991.

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. *Poesia medieval no Brasil.* Rio de janeiro: Agora da Ilha, 2002.

MARTINS, Nilce Sant'Ana. *História da língua portuguesa.* São Paulo: Ática.

MAURER Jr., Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar.* Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia e à lingüística*

portuguesa. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.

NARO, Anthony J. *Tendências atuais da Lingüística e da Filologia no Brasil*. Rio de Janeiro*:* Francisco Alves, 1976.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico resumido.* Rio de Janeiro: INL, 1966.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. 9ª ed. Lisboa: Clássica, 1989.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

SILVA NETO, Serafim da Silva. *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença/MEC, 1977.

———. *História da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Presença/MEC, 1979.

———. *História do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

———. *Manual de Filologia portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1977.

SILVEIRA, Sousa da. *Lições de português.* 9ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1983.

———. *Trechos seletos.* Rio de Janeiro: Briguiet, 1963.

SPINA, Segismundo. *História da língua portuguesa.* São Paulo: Ática, 1987.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Trad. de Celso Cunha. Lisboa: Sá da Costa, 1990.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *Lições de filologia portuguesa*. Lisboa: Dinalivro, [s/d.].

VASCONCELOS, José Leite de. *Textos arcaicos.* Lisboa: Clássica.

WILLIAMS, Edwin. *Do latim ao português.* Rio de Janeiro: INL, 1961.